



O CURRÍCULO ESCOLAR E AS RELAÇÕES DE HETEROSSEXISMO E HOMOFOBIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

João Silva Rocha Filho ¹

Introdução

Estamos vivendo em uma sociedade que se caracteriza pela quantidade de informação e de comunicação que são desenvolvidas. A grande questão é transformar esses elementos em conhecimentos que possibilitem a melhoria na qualidade de formação dos alunos dentro do sistema escolar, principalmente no que se refere à formação do ser humano, que respeite a diversidade existente nessa mesma sociedade.

Um dos elementos mais importantes e que tem contribuído, de forma decisiva, para essa defasagem da educação escolar é, sem sombra de dúvidas, o currículo escolar implantado na escola que funcionam como instrumentos de poder e de discriminação, sem levar em consideração as diferenças existentes na sociedade e assim, tenta-se homogeneizar os nossos alunos sem respeitar à diversidade, dentre elas as sexuais.

É através do currículo escolar que a instituição educacional revela a sua forma de ver e pensar o mundo, pois deve demonstrar suas concepções de mundo, sociedade, educação, ser humano, comportamentos, relações pessoais, dentre outras. E essas questões interferem diretamente no processo de formação dos alunos dentro da escola. Assim, o que temos percebido é que os currículos implementados na maioria das escolas apresentam configurações fragmentadas, centradas nos conteúdos e na formação técnica dos alunos, sem levar em consideração os diversos contextos sociais em que a escola está inserida.

Nos últimos tempos surgiram várias concepções de currículo que, de certa forma, tem causado muitas discussões e podem ser consideradas normais. Pois, quando se trata de processo, como é o caso do currículo escolar, as divergências ocorrem e são saudáveis.

Dentro de uma sociedade dinâmica e múltipla como é a nossa, As diversas formas de compreender os fenômenos sociais podem gerar debates sobre os elementos que constituem essas estruturas, sociais e dentre esses seus elementos está o currículo, que deve ser local de debate das relações sociais, sendo assim o currículo não pode ser considerado como estático, ele deve refletir

¹ Professor da Universidade do Estado da Bahia, Doutorando em Educação pela Universidade Del Mar – Chile.
jrochauneb@gmail.com



movimento e assim necessita ser revisitado constantemente como forma de análise da sua eficácia diante das transformações sociais a que estamos submetidos.

Nessa perspectiva, o currículo escolar deve encontrar as suas bases na realidade e nos contextos sociais. Uma das funções da escola, entre outras, é apresentar ao aluno como instrumentos de cada disciplina, as possibilidades de leitura das dimensões do todo, integrando-as através interdisciplinaridade, como forma de proporcionar uma visão de complexidade da realidade, e isso só pode acontecer quando se tem um currículo estruturado de forma a respeitar a diversidade existente na sociedade.

1 Currículo Escolar

De acordo com o Dicionário Iterativo da Educação Brasileira, o termo Currículo é definido como conjunto de disciplinas sobre um determinado curso ou programa de ensino ou a trajetória de um indivíduo para seu aperfeiçoamento profissional. Mas pode ser compreendido como um processo histórico, na medida em que reflete expectativas, valores e tendências de um grupo determinado.

Etimologicamente, o termo *currículo* vem da palavra latina *Scurrere*, correr, e refere-se a curso, à carreira, a um percurso que deve ser realizado. Historicamente o currículo foi considerado como elemento de controle das aprendizagens, como instrumento de poder, mas também como algo isolado e estático, desprovido de significados que pudesse contribuir para o desenvolvimento de todas as capacidades dos alunos. Quando se falava, e em alguns casos hoje ainda é assim, em currículo escolar só se levava em consideração a seleção de conteúdos de cada componente ou disciplina, e era estruturado de acordo com as normas das escolas ou secretaria de educação.

O currículo sempre teve características de padronização das atividades para o bom funcionamento da escola que transmite uma parte da cultura sistematizada, e que se consolidou como tradição e é considerada como importante para ser aprendida pelos alunos e cobrada pela sociedade.

Diferentes currículos produzem diferentes pessoas, mas naturalmente essas diferenças não são meras diferenças individuais, mas diferenças sociais, ligadas à classe, à raça, ao gênero. Dessa forma, uma história do currículo não deve ser focalizada apenas no currículo em si, mas também no currículo como fator de produção de sujeitos dotados de classe, raça, gênero. Nessa perspectiva, o currículo deve ser visto não apenas como a expressão ou a representação ou o reflexo de interesses sociais determinados, mas também como produzindo identidades e subjetividades sociais determinadas. O currículo não apenas representa, ele faz. É preciso reconhecer que a inclusão ou a exclusão no currículo tem conexões com a inclusão ou exclusão na sociedade. (SILVA, 2005, p.10)



Por mais que exista uma grande diversidade de concepções e teorias sobre currículo, não se pode desconsiderar as teorias mais antigas, afinal cada época tem suas características que se manifestam através de seus costumes, valores e comportamentos que foram legitimados pela sociedade vigente.

Uma história do currículo tem que ser uma história social do currículo, centrada numa epistemologia social do conhecimento escolar, preocupada com os determinantes sociais e políticos do conhecimento educacionalmente organizado. Uma história do currículo, enfim, não pode deixar de tentar descobrir quais conhecimentos, valores e habilidades eram considerados verdadeiros e legítimos numa determinada época, assim como tentar determinar de que forma essa validade e legitimidade foram estabelecidas. (SILVA 2005 p.10-11)

Existem novas teorias curriculares que procuram trabalhar com um universo escolar mais amplo, que buscam trabalhar a partir das necessidades da escola e do aluno, sempre levando em consideração que cada aluno é único, assim como cada escola é única. O currículo escolar deve ser entendido como todas as situações vivenciadas pelos alunos dentro da escola e em outros espaços. Suas experiências, suas relações sociais, contribuem de forma efetiva para a formação do ser humano e o currículo não pode deixar de levar em consideração esses aspectos.

É importante dizer que, para a formação do currículo escolar a organização da vida particular de cada um constitui-se no principal instrumento de trabalho para que o professor possa explorar no desenvolvimento de suas atividades. O que se quer dizer, é que a escola deve buscar na experiência cotidiana do aluno, elementos que subsidiem a sua ação pedagógica e, ao mesmo tempo, recursos que contribuam para a formação de um currículo escolar voltado para a formação de um ser humano melhor.

Não se pode esquecer que quando os alunos chegam ao ambiente escolar, eles já possuem uma história de vida, recebem frequentemente influências fora da escola, apresentam um comportamento individual, social e uma vivência sociocultural específicas ao ambiente de origem de cada um deles. Essas características individuais dos alunos integram elementos básicos que auxiliam na formação do currículo escolar. "[...] a cultura popular representa não só um contraditório terreno de luta, mas também um importante espaço pedagógico onde são levantadas relevantes questões sobre os elementos que organizam a base da subjetividade e da experiência do aluno." (MOREIRA e SILVA, 2002 p.96)

Ao se refletir sobre currículo escolar é importante pensar na vida do aluno, da escola e na sociedade que está em constantes transformações, ou seja, educandos e educadores, no espaço escolar, constroem e formam, através de processos de valorização e do cotidiano que vivenciam um



currículo ideal para o desenvolvimento de habilidades necessárias ao desempenho educacional, pessoal e social dos alunos.

A personalidade, uma das características humanas formadas com a contribuição da escola, pode se afirmar que o currículo escolar e, constitui-se, então, em uma construção social que auxilia na formação e no desenvolvimento do comportamento humano. Por sua vez, sendo o currículo uma construção social, ele é também, construção cultural, pois toda prática educativa que se assimila, tende-se a repassá-la às futuras gerações, perpetuando-se, assim, a cultura como marca da presença do homem em sociedade.

Indo um pouco mais além, pode-se considerar o currículo escolar como a seleção e a organização do conhecimento educacional uma vez que, como já dito anteriormente, todas as atividades, sejam elas escolares ou não, que tenham por finalidade a aprendizagem de uma conduta educativa, contribuam satisfatoriamente para a formação desse tipo de currículo.

O currículo escolar, além dos aspectos já mencionados, também pode ser entendido como um processo de socialização dos alunos com o objetivo de ajustá-las às estruturas da sociedade. Neste sentido, acredita-se que as relações sociais, as trocas de experiência, o cotidiano, formam um conjunto de fatores que garantem a formação de um currículo escolar que busca integrar a vida escolar à vida social. Em contrapartida, percebe-se que a perfeita observação de todos esses elementos direciona à verdadeira práxis do currículo, ou seja, a articulação entre a teoria e a prática curricular em sala de aula. Construir o currículo na sala de aula requer profissionalismo e competência por parte dos professores quanto à utilização de uma importante ferramenta pedagógica: a vivência sociocultural das crianças.

Para o currículo ter vida, é necessário que ele seja posto em ação, preferencialmente, mas não apenas, por meio de atividades desenvolvidas na sala de aula ou na escola. O currículo se tece sob a mediação do educador ao considerar as histórias de todos os que integram o sistema, suas variadas expectativas em relação à vida e à escola, as características gerais da infância e da juventude, as particularidades de cada uma das crianças e dos jovens em cada etapa de suas vidas e, ainda, tudo o que os alunos tem o direito de aprender e nós, educadores, temos o dever de ensinar.

É claro, os conceitos de ensinar e aprender não podem reforçar a idéia ultrapassada de que o professor seja o dono do saber, em contraposição à suposta ausência de saber do aluno. A forma mais garantida e promissora de se desenvolver ações educativas, que produzam novos conhecimentos, consiste em trazer as questões de linguagem para lugar de destaque, para a constituição de novos saberes. O diálogo e as práticas predominantemente interativas são



determinantes para a qualidade das relações entre professores e alunos, que podem produzir novos saberes.

O currículo deve ser um conjunto de ações planejadas de forma sistemática e integradas, no qual devem estar incluídos os conceitos, os conteúdos e os valores que deverão ser os pilares de sustentação da ação educativa. Neste sentido, o currículo deve ser um instrumento que possibilite o desenvolvimento individual como forma de construção da visão coletiva, em que todos respeitem os seus espaços para que o seu próprio espaço seja respeitado.

2 Currículo Escolar e Heterossexismo

O heterossexismo se caracteriza pela supervalorização do hetero em detrimento as outras formas de opção sexual e isso se configura cada vez mais como verdade no ambiente escolar e o currículo é, sem dúvida, o elemento que mais tem contribuído para a disseminação do heterossexismo dentro do processo educacional. No momento em que compreendemos que o currículo escolar não neutro, muito pelo contrário, reflete de forma precisa o pensamento de uma comunidade. O heterossexismo está presente de forma regulamentar em nossa sociedade, ele aparece em nossas leis, religiões e línguas.

Existe na verdade um trabalho na direção de impor a heterossexualidade como superior ou como única forma de sexualidade, e essa idéia é disseminada dentro sistema educacional, através do currículo oculto, que é uma das formas de manifestações do currículo escolar. O pensamento de que as pessoas normais são hetero e as outras são anormais está presente constantemente nos discursos e práticas do sistema educacional, e podemos observar que na maioria das vezes está explícito nos currículos, o que demonstra o pensamento das escolas em relação à sexualidade

O heterossexismo procura silenciar as lésbicas, gays e bissexuais, fazendo com que essas pessoas se tornem invisíveis. E essas idéias acabam por incentivar de forma direta a discriminação dentro do ambiente escolar. O lugar onde deveria ser o espaço de formação de pessoas conscientes, capazes de respeitar as diferenças existentes em nossa sociedade, acaba por se caracterizar como espaço de intolerância, de discriminação, uma vez que os próprios documentos que dão sustentação a forma de pensar e agir de uma escola estão baseados em idéias pouco concretas da realidade social que temos.

O termo heterossexismo ainda não é muito conhecido, mas a prática é bastante difundida em nossa sociedade por algumas instituições como a Igreja, o Estado e a própria escola que acaba por desenvolver práticas educativas baseadas na discriminação ou em estereótipos com a



supervalorização do hetero em detrimento dos outros. A nossa cultura nos oferece, de forma clara, mensagens que nos indicam quais as expressões sexuais são tidas como corretas ou não, e o currículo tem um papel preponderante. “O currículo é a ligação entre a cultura e a sociedade exterior, a escola e a educação; entre o conhecimento e cultura herdados e a aprendizagem dos alunos; entre a teoria (idéias, suposições e aspirações) e a prática possível, dadas determinadas condições (SACRISTAN 1999, p. 61).

Todos somos criados para acreditar que a nossa sexualidade está definida de uma forma muito rígida, ao ponto de que se pensa que é heterossexual e que não se pode, de algum, se sentir atraído por pessoas do mesmo sexo. Em nossa sociedade o único comportamento sexual aceitável tem de acontecer inserido no contexto de um casamento heterossexual e ter como último objetivo produzir crianças. O heterossexismo descreve uma atitude mental que primeiro categoriza, para depois, injustamente, etiquetar como inferior, todo um conjunto de cidadãos. Essa questão toma força no momento que instituições como a escola assume o papel de disseminar esse tipo de pensamento, onde a heterossexualidade é tida como normal e todas as pessoas são consideradas heterossexuais, salvo prova em contrário.

Os nossos currículos trabalham com o heterossexismo que é a supervalorização do hetero, fato que acaba por enfatizar cada vez mais os comportamentos homofóbicos. Construir um currículo escolar que respeite a diversidade sexual, dentre outras, é possibilitar a construção de uma sociedade mais justa.

3 Homofobia e Currículo Escolar

O termo homofobia foi criado pelo psicólogo George Weinberg, em 1971, ele procurou combinar palavra grega *phobos* ("fobia"), com o prefixo *homo-*, se referindo à palavra "homossexual". Não iremos discutir a questão etimológica da palavra homofobia, apenas como atitude daquele que discrimina as pessoas com outras opções sexuais que não o hetero e suas implicações no processo educacional. Com a construção do currículo, a escola procura especificar as suas formas de pensar o mundo, as pessoas e a sociedade. Assim, quando ela supervaloriza determinadas condutas ou comportamentos como sendo verdadeiros e legítimos, acaba por proporcionar aos seus alunos as condições para a discriminação por aqueles que não se enquadram nos padrões por ela estabelecido. Quando uma escola enfatiza no seu currículo, seja real ou oculto, o heterossexismo como a única possibilidade de opção sexual acaba por incentivar práticas homofóbicas dentro do processo educacional.



A produção de um currículo escolar deve proporcionar a formação de pessoas tolerantes e capazes de conviver de forma harmoniosa com aqueles que tem uma outra opção sexual. Não podemos conviver, nos dias de hoje, com comportamentos discriminatórios dentro das escolas, seja em que natureza for, racial, religiosa, sexual ou qualquer tipo de intolerância. E é, sem dúvida, através do currículo escolar que podemos formar pessoas com maior capacidade de interação com os outros e consigo mesmo.

Algumas pessoas preferem classificar o comportamento homofóbico apenas como o repúdio da sociedade em relação a pessoas que se auto-excluem ou desajustamento social por busca do prazer individual, justificando assim a exclusão social das pessoas homossexuais pelo fato de serem diferentes da suposta norma. E a escola assume esse papel dentro da sociedade no momento em que não trabalha estes aspectos, através dos seus currículo, para acabar com essas práticas. Outras pessoas criticam o uso e abuso correntes do termo "homofobia", sugerindo que tal palavra poderia ser utilizada de maneira pejorativa e acusatória para designar qualquer discordância ou oposição à homossexualidade

Muitas pessoas atribuem a origem da homofobia às mesmas motivações que fundamentam o racismo e qualquer outro preconceito, como uma oposição instintiva a tudo o que não corresponde à maioria com que o indivíduo se identifica e às normas implícitas e estabelecidas por essa mesma maioria. Isto está diretamente ligada a necessidade de reafirmação dos papéis tradicionais de gênero, considerando o indivíduo homossexual como alguém que falha no desempenho do papel que lhe corresponde segundo o seu gênero.

Na sociedade em que vivemos, com tanta tecnologia voltada para comunicação e informação precisamos de um sistema educacional que consiga formar pessoas capazes de superar essas visões arcaicas, no que diz respeito à tolerância com aqueles que não comungam das mesmas opiniões ou comportamentos, como é o caso da sexualidade. E nesse sentido, é importante que a escola reveja suas estruturas, buscando se adequar para construção de uma sociedade mais justa, sem comportamentos homofóbicos ou qualquer tipo de discriminações.

Considerações Finais

O sistema educacional precisa rever uma série de questões, dentre elas, a sua estruturação curricular. Quando uma escola contruir seu currículo, deve levar em consideração as novas características que a nossa sociedade está apresentando. A escola que queremos é aquela capaz de



forma pessoas com condições de compreender o outro como ele é e não de acordo com padrões estereotipados pela segregação ou discriminação.

O currículo escolar é o elemento que serve de sustentação para a escola é nele que deve conter a forma como a escola compreende o mundo e que tipo de pessoas ela pretende formar para construção desse mundo. Assim, acreditamos que quando conseguirmos produzir uma estrutura curricular que valorize o ser humano como ele é e não como gostaríamos que ele fosse, poderemos dar uma nova cara para a nossa educação, e assim poderemos caminhar na direção de uma sociedade mais justa, sem supervalorização de uns em detrimento de outros. Ou seja, estaremos dando passos largos para acabarmos com o heterossexismo e, conseqüentemente, com a homofobia dentro de nossas escolas e, por conseguinte, na sociedade como um todo.

Referências

ABROMOVAY, M; CASTRO, L.; SILVA, B.L. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: Adolescentes e Jovens, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999. Brasil.

BRITZMAN, Deborah P. **O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo**. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 21, p. 71-96, jan./jun. 1996.

_____. **Curiosidade, sexualidade e currículo**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
CANEN, Ana. **Sentidos e dilemas do multiculturalismo: desafios curriculares para o novo milênio**. In: LOPES, A. C. & MACEDO, E. (Orgs.) Currículo: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002. Volume 2.

COLL, César. **Psicologia e Currículo: uma elaboração psicopedagógica à elaboração do currículo escolar**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

DAVIES, Ivor K. **O Planejamento de Currículo e seus objetivos**. 1ª Ed. São Paulo: Papirus, 2001.

DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

ECOS; CORSA. **Diversidade Sexual na Escola – Uma Metodologia de Trabalho com** Editora Moderna, 1997.

FÁVERO, Osmar. **A educação nas constituintes brasileiras**. 2ª Ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade – a vontade de saber**. V. I, 16ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FURLANI, Jimena. **O Bicho vai pegar!** – um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir do livro paradidático infantil. PPGEduc/UFRGS, Tese de Doutorado. Porto Alegre, 2005.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções de nosso tempo. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 22, n.2, 1997a: 15-46.

MOREIRA, A. F. & SILVA, T. T. (Orgs.). **Cultura popular e pedagogia crítica:** a vida cotidiana com base para o conhecimento curricular. In: Currículo, cultura e sociedade. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Currículos e Programas no Brasil.** 2ª Ed. São Paulo: Papirus, 1995.

MOREIRA, Antônio F. B. **Currículo: questões atuais.** 6ª Ed. São Paulo: Papirus, 2001.

SACRISTIÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** 3ª Ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SILVA, Teresinha Maria Nelli. **A construção do currículo em sala de aula:** o professor como pesquisador. São Paulo: EPU, 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Educação, Trabalho e Currículo na era do pós-trabalho e da pós-política.** In: Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola? São Paulo: Xamã, 1999. UNESCO Brasil, 2004.

VASCONCELOS, N. **Amor e Sexo na Adolescência.** Coleção Polêmica, São Paulo:2005.